

UNIDADE 5

AVALIAÇÃO DE COLEÇÕES

5.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar os conceitos e fatores que envolvem a avaliação de coleções e os principais métodos e técnicas para utilizar nessa avaliação.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) identificar os fatores que são importantes em uma avaliação de coleções;
 - b) selecionar métodos e técnicas para avaliação de coleções.
-

5.3 “AS ROSAS NÃO FALAM”

Como as “rosas não falam”, não temos outra alternativa se não empreender um esforço para investigar se tudo o que planejamos resultou no que esperávamos ou não – isto é, temos que avaliar se alcançamos as condições ideais para que o nosso jardim esteja sempre florido, saudável e bem cuidado.

De um modo geral, a avaliação sempre envolverá a reunião de dados por meio de técnicas e métodos científicos, visando um determinado objetivo. *Lancaster* (1996) define a avaliação como um componente essencial da administração, cujos resultados auxiliam o administrador em várias ações, que vão desde a alocação de recursos de modo mais eficiente à solução de problemas ou tomada de decisões e até mesmo a escolha das melhores estratégias alternativas para se obter o resultado almejado. No caso das bibliotecas, *Lancaster* recomenda que toda e qualquer avaliação considere o papel da biblioteca como interface entre os recursos de informação disponíveis no mundo e a comunidade a ser servida. Isso quer dizer que devemos “determinar em que medida” a biblioteca “desempenha com êxito esse papel de interface.” (LANCASTER, 1996, p. 2).

Transferindo essa ideia para a avaliação de coleções, podemos fazer a seguinte analogia: as coleções são o resultado dessa interface entre os recursos informacionais existentes no mundo (e que também estão dispersos) e a comunidade a ser servida com suas necessidades e demandas. Essa “interface” foi desenvolvida pela equipe da biblioteca, usando as técnicas que vimos desde a primeira unidade e deve traduzir os desejos e necessidades de sua comunidade, bem como a missão da instituição, conforme vimos.

5.4 “SIMPLEMENTE AS ROSAS EXALAM...”

A avaliação de coleções é um recurso para identificar as possíveis causas de ineficiência ou fracassos, visando aumentar a qualidade do desempenho da biblioteca ou, nos termos de Evans (2000), identificar as fortalezas e fraquezas das coleções, corrigindo essas últimas. Esse tipo de avaliação é também denominado de avaliação terapêutica ou diagnóstica (LANCASTER, 1996). A avaliação é também um instrumento para estabelecer padrões, a fim de identificar em que nível de desempenho a biblioteca se encontra ou mesmo para comparar serviços e produtos de diferentes bibliotecas.

Ainda de acordo com Lancaster (1996), um programa de avaliação para bibliotecas, de modo geral, envolve insumos, produtos e resultados, conforme mostra a Figura 47. A partir dessas análises, teremos condições de elaborar critérios para cada especificidade, observando se a avaliação está considerando os insumos, produtos ou resultados.

Figura 47 – Os principais itens que devem ser levados em consideração em um programa de avaliação para bibliotecas



Fonte: Adaptado de Lancaster (1996).

De acordo com Lancaster (1996), qualquer tipo de avaliação realizada na biblioteca sempre deverá levar em consideração os insumos, os produtos e/ou os resultados – sob as abordagens tanto quantitativas quanto qualitativas. Por exemplo, os insumos podem ser medidos em termos de números de itens adquiridos ou em metros quadrados do espaço ocupado com o acervo. Já os produtos podem ser traduzidos por meio dos itens emprestados ou consultados. Nesses dois exemplos citados, as metodologias adotadas foram quantitativas.

Os resultados exigem metodologias qualitativas pois é bastante complexo verificar, por exemplo, se as coleções respondem à missão institucional. Seria necessário elaborar uma estratégia de pesquisa que pudesse traduzir essa questão. Nesse caso, poderíamos aplicar um estudo de usuário para fazer essa verificação por meio do recurso da entrevista. Para termos uma ideia da complexidade de verificar resultados em uma avaliação, basta olharmos para os instrumentos que o MEC adota para avaliar o ensino superior e a pós-graduação. Há dimensões que envolvem qualificação do corpo docente, infraestrutura física, organização didático-pedagógica e formação do corpo discente. Para realizar essa avaliação, o MEC realiza visitas *in loco*, coleta dados por meio de formulários, aplica provas aos discentes, como o *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes* (Enade), por exemplo, entre outros critérios e técnicas de coleta de dados. Veja que, nesse exemplo do MEC, houve uma triangulação de métodos envolvendo a abordagem quantitativa e qualitativa.

Esses exemplos são bons para destacar a importância da formação acadêmica do bibliotecário, uma vez que é necessário dominar técnicas e métodos de pesquisa. Caso contrário, será necessário buscar recursos para contratar serviços especializados em avaliação. Figueiredo (1993) destaca outra habilidade importante: a necessidade de o bibliotecário ter uma visão crítica em relação às atividades que desenvolve ou que são desenvolvidas na biblioteca, de forma a promover as mudanças e os ajustes necessários. Aliás, esse é um ponto bastante delicado: é preciso ter em mente que os resultados obtidos na avaliação poderão demandar mudanças, seja em termos processuais ou estruturais. Isso exigirá habilidades do bibliotecário para lidar com conflitos e que tenha espírito de liderança, de forma a implementar as estratégias necessárias para melhorar o desempenho da biblioteca, nos termos de Lancaster (1996), conforme visto.

Tendo em vista que existem inúmeros métodos e técnicas de coleta de dados sob diferentes abordagens metodológicas, vamos destacar aqueles mais comuns na avaliação de coleções. Ao contrário de Lancaster (1996), que agrega os diferentes métodos de avaliação sob as abordagens quantitativa ou qualitativa, a ALA (1989) apresenta uma categorização distinta que valoriza as metodologias centradas nas coleções ou centradas no uso. O guia da ALA detalha os principais métodos de cada categoria, conforme podemos observar no Quadro 25:

Quadro 25 – Métodos de avaliação de coleções da ALA

Abordagem centrada na coleção	Abordagem centrada no uso
Verificação de listas, bibliografias e catálogos	Estudos de circulação
Opinião de especialistas	Opinião dos usuários
Estatísticas de uso comparativo	Análise das estatísticas de empréstimo-entre-bibliotecas
Padrões de coleções	Estudos de citação
	Estudos de uso interno
	Estudos de disponibilidade dos documentos
	Estudos de usos simulados
	Testes para expedição de itens

Fonte: Adaptado de Evans (2000).

5.4.1 Métodos de avaliação centrados nas coleções

De acordo com a ALA (1989), a abordagem centrada nas coleções compreende quatro técnicas que serão detalhadas a seguir (Figura 48):



Fonte: Produção da própria autora a partir de ALA (1989) e imagens do Flickr (2005, 2008, 2012) e Pixabay (2015).³⁹

³⁹ Primeira imagem: **Catálogos**. Autor: *Estal*. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/estal_art-school/7738915396/; Segunda imagem: **Einstein**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/timi/9732307/>; Terceira imagem: **Gráfico**. Autor: *geralt*. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/estat%C3%ADsticas-gr%C3%A1fico-bar-s%C3%ADmbolo-822232/>; Quarta imagem: **Livros**. Autor: *Paul Hood*. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/pazhood/2908820725>.

a) verificação de listas, bibliografias e catálogos: este método é um dos mais fáceis e rápidos para ser executado e pode ser adotado para diferentes propostas de avaliação. Também é bastante utilizado em combinação com outras técnicas para garantir maior qualidade no resultado. As listas podem ser especializadas ou gerais ou ainda elaboradas especialmente para uma biblioteca específica, por encomenda a especialistas, por exemplo. Normalmente as listas podem ser encontradas em publicações ou em instituições. Por exemplo, algumas revistas e jornais de banca publicam listas dos livros mais vendidos enquanto instituições, como a CBL e *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*, divulgam as listas dos livros premiados no ano por elas. A ALA também produz listas especializadas e por tipo de biblioteca. Há ainda outras listas que poderão ser produzidas tal como descreve Mueller (1991), ou listas específicas para avaliar coleções para fins de credenciamento de instituições. Lancaster (1996) alerta sobre a dificuldade de encontrar uma lista ou bibliografia adequada para o propósito requerido. Por isso, sugere as listas-padrão como a

[...] de livros e periódicos recomendados para bibliotecas médicas de pequeno porte [...] e bibliografias abalizadas tais como a Cambridge bibliography of English literature ou o Handbook of Latin American studies. (LANCASTER, 1999, p. 29).

O bom conhecimento de fontes de informação será importante nessa etapa também.

De acordo com Evans (2000), a técnica de verificação de listas, bibliografias e catálogos visa obter a resposta “nós temos n% dos itens listados” – um resultado quantitativo. No entanto, Figueiredo (1993) chama a atenção para o fato de que as listas não avaliam a qualidade de uma coleção, justamente porque desconsideram os critérios que foram importantes para a seleção de cada item, ignorando as coleções existentes e a comunidade com suas necessidades e interesses. Logo, os propósitos a serem verificados em uma avaliação assim devem ser delimitados de forma a não distorcer o que foi planejado. O mesmo é aplicável para o caso de bibliografias e catálogos, que também podem ser categorizados por gerais e especializados. Por exemplo, será importante para uma biblioteca especializada em Administração conhecer os melhores títulos da área. Isso pode ser verificado em listas e bibliografias especializadas, bem como em catálogos de bibliotecas mais representativas da área;

b) opinião de especialistas: considerado um método impressionista, pois refere-se à impressão de especialistas, normalmente esse tipo de avaliação envolve revisão de todas as coleções da biblioteca por meio de uma lista, de preferência o catálogo topográfico, ou do exame direto nas prateleiras. De acordo com Evans (2000), os especialistas apresentam um relatório baseado nas impressões do quanto as coleções cumprem os objetivos institucionais, verificando, sobretudo, se as coleções se apresentam nos termos definidos na política, estimando também sua qualidade e profundidade e sua utilidade em relação à missão institucional e às necessidades da comunidade.

Evans (2000) recomenda que essa técnica seja adotada em conjunto com outras, especialmente com o método de verificação de listas. Esses métodos são apropriados para visitas com fins de credenciamento, pois

os especialistas poderão simular os tipos de questões que a comissão avaliadora externa faria. Esse método é especialmente eficaz em bibliotecas escolares e universitárias que vivenciam sistematicamente essa experiência para credenciamento ou recredenciamento de suas instituições;

- c) estatísticas de uso comparativo: Evans (2000) descreve uma forma de fazer comparações estatísticas entre instituições diferentes – mas congêneres – e, dessa forma, identificar lacunas dos títulos que deveriam ser colecionados e não estão no acervo ou de conhecer quais títulos que nenhuma outra biblioteca possui. Para viabilizar esse método, há ferramentas específicas para permitir a comparação de coleções de bibliotecas distintas em termos de número de exemplares em determinadas classes da tabela de classificação adotada pela biblioteca. A OCLC oferece esse tipo de ferramenta, mas é preciso assinar seus serviços para isso. Trata-se de um método bastante avançado que permite que as bibliotecas se tornem mais competitivas. Por outro lado, é um método menos objetivo em função das diferenças existentes entre instituições, programas e comunidades;
- d) padrões de coleções: de acordo com Evans (2000), a literatura apresenta padrões para todos os tipos de bibliotecas, os quais cobrem vários aspectos relativos às bibliotecas, incluindo as coleções, sejam impressas ou de outra natureza, tais como eletrônico ou iconográfico, por exemplo. Os padrões são normalmente publicados por associações bibliotecárias ou federações de associações, tais como a ALA ou IFLA, respectivamente, e visam desde ao tamanho ideal do acervo a padrões de aquisição. No Brasil, o MEC apresenta seus próprios padrões para bibliotecas universitárias, com fins de credenciamento e recredenciamento. Só a ALA produziu vários padrões conhecidos, inclusive para bibliotecas públicas, assim como a *Association of Colleges & Research Libraries (ACRL)*, que produz padrões para as bibliotecas universitárias. Evans (2000) destaca que os padrões variam entre abordagens qualitativas ou quantitativas ao longo do tempo, prejudicando a possibilidade de realizar comparações de longo prazo. É preciso levantar na literatura e nessas associações os principais padrões publicados no mundo.

É importante destacar que há na literatura outras técnicas que precisam ser conhecidas para que tenhamos em nosso país massa crítica para avançar nesse aspecto. White (1995), por exemplo, apresenta uma série de testes rápidos para verificar os pontos fortes das coleções por meio do método *Conspectus*, que pode ser muito útil para avaliar as políticas adotadas.

5.4.2 Métodos de avaliação centrados no uso

É possível perceber que os métodos centrados no uso são muito mais populares entre a classe bibliotecária no Brasil que aqueles centrados nas coleções. Dentre as técnicas destacadas por Evans (2000), serão comentadas, detalhadamente, apenas as seguintes:

- estudos de circulação;
- opinião dos usuários;
- análise das estatísticas de empréstimo entre bibliotecas;
- estudos de citação;
- estudos de disponibilidade dos documentos.

Sobre as técnicas:

- a) estudos de circulação: são normalmente objetivos e fáceis de lidar, apresentando resultados de forma bastante rápida, se comparados com outros tipos de técnicas. É uma das técnicas mais adotadas para o desbastamento e para verificar necessidade de duplicações. Com o uso de sistemas computadorizados para controlar a circulação, há muito mais rapidez e economia em processar os dados necessários para compilar essas estatísticas. Por outro lado, há certa dificuldade de verificar o valor das coleções por meio de dados estatísticos de uso, assim como não há como verificar que tipo de uso foi realizado. Logo, os fatores de uso apresentam limitações que precisam ser consideradas como técnica de avaliação;
- b) opinião dos usuários: de acordo com Evans (2000), a percepção dos usuários em relação à adequação das coleções em termos de quantidade, qualidade ou ambos é um dos métodos mais valorizados. No entanto, o autor nos alerta sobre dois problemas básicos:
 - a necessidade de conhecer a experiência passada do usuário em relação às coleções;
 - a importância de obter amostras representativas.

No primeiro caso, se o usuário é experiente no uso de coleções na instituição e em outras instituições, ele terá uma visão bastante crítica em relação à adequação das coleções que estão sendo avaliadas. Por outro lado, se o usuário se limita a uma só biblioteca, ou se ele teve sistematicamente experiências ruins, isso influenciará muito suas respostas. Figueiredo (1993, p. 88) também chama atenção para o fato de que os usuários são “seres humanos e, portanto, nem sempre são consistentes e cooperativos.” Dentre as maiores vantagens desse método, Figueiredo (1993) destaca a possibilidade de identificar a percepção dos usuários em relação aos pontos fortes e fracos das coleções e aos níveis e tipos de necessidades dos usuários, além de orientar a avaliação para a verificação dos objetivos e metas institucionais, mudanças de interesse do usuário ou da missão institucional. Dentre as maiores desvantagens desse método, Figueiredo (1993) destaca a passividade dos usuários em relação às coleções, isto é, não há uma atitude crítica; ou conhecimento restrito das partes que usam as coleções, ou ainda a alta ou a baixa demanda naquele momento por assuntos ou coleções específicas para o nível esperado.

Em relação ao segundo item, isto é, a necessidade de se obter amostras representativas da comunidade, Evans (2000) recomenda que a avaliação não se restrinja aos usuários reais, mas também aos potenciais. O autor sugere seguir mais longe nos perguntando: Por que os não usuários são não usuários; seria por causa da inadequação das coleções?

Figura 49 – É importante também ouvir a opinião dos não usuários. Ela pode indicar que parte da comunidade não está sendo atendida pela coleção oferecida pela biblioteca



Fonte: Flickr (2013).⁴⁰

Evans (2000) ainda destaca a importância de verificar se um problema detectado na avaliação de coleções não seria, na verdade, um problema de *marketing* ou de instrução bibliográfica, e não da adequação da coleção propriamente dita;

- c) análise das estatísticas de empréstimo entre bibliotecas: Evans (2000) considera o uso de outras bibliotecas pelos usuários como um fator de grande importância na avaliação e enumera pelo menos três aspectos que influenciam o uso de outras bibliotecas:
- o acesso físico a outras instalações (incluindo serviços e produtos);
 - empréstimo entre bibliotecas;
 - serviços de fornecimento de cópias, tal como o *Programa de Comutação Bibliográfica* (COMUT) no Brasil ou serviços dos próprios fornecedores (por exemplo, base de dados que fornece texto completo).

Em relação ao acesso do usuário a outras bibliotecas, é preciso ter em mente que os usuários frequentam diferentes bibliotecas, conforme suas necessidades. Por exemplo: se ele deseja ler literatura brasileira contemporânea, ele deve ir a uma biblioteca pública próxima de sua casa ou fazer uso das coleções digitais dessa biblioteca. Quando ele precisa estudar um assunto que ele está aprendendo na faculdade, então ele precisa de uma biblioteca universitária e assim por diante. O usuário também pode procurar uma determinada biblioteca pois somente ela possui o que ele precisa. Esse é o dado que o bibliotecário de que desenvolve coleções necessita. De acordo com Evans (2000), não adianta saber se o usuário está frequentando uma ou duas bibliotecas, mas sim por que ele faz isso. Tanto pode ser por questões relativas à adequação das coleções quanto pela facilidade de acesso, horário de funcionamento, estacionamento,

⁴⁰ Autor: Lawrence Wang. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/lawrenceyeah/9476988210>.

etc. Identificar as razões pelas quais os usuários buscam informação em outras bibliotecas, verificando os problemas reais nas coleções, poderá contribuir para realizar os ajustes necessários tanto nas atividades dos processos de desenvolvimento de coleções quanto nas coleções propriamente ditas.

Os dados compilados dos empréstimos entre bibliotecas, seja qual for o tipo de documento, poderá identificar os pontos fracos das coleções na medida em que o usuário está buscando assuntos que deveriam ser colecionados pela biblioteca em outras instituições. Também é possível identificar demandas por materiais que a biblioteca não possui e a necessidade de aprofundar o nível de cobertura de uma área ou assunto de uma ou mais coleções. Trata-se de um método quantitativo bastante útil, quando, por exemplo, definimos padrões internos de rendimento das coleções, conforme sugere Figueiredo (1993, p. 80) ao estabelecer “o limite máximo de empréstimos de fora, através do empréstimo entre bibliotecas, e os limites mínimos de empréstimos que devem sair de suas coleções.” A autora cita o estudo de Randall (1965) para explicar que as coleções de uma biblioteca especializada devem atender a 95% dos itens requeridos pela comunidade. No entanto, se é necessário que 15% ou mais dos seus empréstimos sejam pedidos fora da biblioteca, é chegada a hora de rever a política de aquisição.



Explicativo

O *Programa de Comutação Bibliográfica*, também conhecido como Programa COMUT, é uma rede de instituições conveniadas para prestação de serviços, que disponibiliza coleções bibliográficas. O programa possibilita a transferência de informações técnico-científicas, em bases interdisciplinares e cooperativas, permitindo ao usuário acesso a artigos de periódicos, teses, anais de congressos e partes de documentos técnico-científicos, em meio eletrônico (O QUE É O PROGRAMA, 2011). Para participar da Rede COMUT, basta se cadastrar no programa pela internet no endereço: <http://comut.ibict.br/comut/do/index?op=filtroForm>.

- d) estudos de citação: Evans (2000) sugere esse método para as áreas acadêmicas e de pesquisa nas áreas de Ciência, Tecnologia e Medicina, fazendo uso de amostras de publicações científicas adequadas para os propósitos definidos. O método consome algum tempo e exige o apoio dos pesquisadores para o processo de identificação dos títulos pertinentes. Em um certo sentido, os estudos de citação são parecidos com as listas de verificação, bibliografias e catálogos, uma vez que será verificado se a biblioteca possui ou não aqueles itens. Logo, se o percentual da amostra for baixo, certamente que a coleção naquela área está inadequada.

Figueiredo (1977, 1993) apresenta diversas aplicações de técnicas bibliométricas no âmbito do desenvolvimento e da avaliação de coleções, bem como o histórico da bibliometria como instrumento para desenvolvimento de coleções, respectivamente. A *Lei de Bradford*, por exemplo, tem sido adotada tanto para orientar o processo de seleção de itens, especialmente periódicos, quanto para prever a obsolescência. Figueiredo (1993, p. 62) cita o trabalho de *Trueswell*, que

[...] propôs a distribuição de *Bradford* como instrumento válido, para prever circulação e uso da coleção em bibliotecas, por ter observado que 80% das demandas feitas pelos usuários são atendidas por 20% da coleção.

Considerando a impossibilidade de a biblioteca colecionar tudo o que existe de conhecimento registrado, a regra 80-20 ou *Lei de Trueswell*, como é denominada, torna-se um padrão de grande importância.



Curiosidade

O caos de Bradford

Samuel Clement Bradford (1878-1948), químico de formação, foi bibliotecário do *Science Museum* em South Kensington (Reino Unido), de 1901 até sua aposentadoria em 1938 (DITMAS, 1948). Publicou seu livro seminal *Documentation* em 1948, mesmo ano de sua morte, em que também trata da formulação do que seria denominado *Lei de Bradford* no capítulo dedicado ao caos documentário.

A *Lei de Bradford* refere-se à dispersão de artigos científicos onde “trabalhos importantes, sobre assuntos diversos, são publicados em fontes de outras áreas de conhecimento.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 220). Isso quer dizer que, ao aplicar a *Lei de Bradford*, será possível identificar os títulos periódicos devotados a uma área e aqueles que trazem artigos de variados temas. De acordo com Pinheiro (1983), *Bradford* identificou originalmente três zonas de produtividade dos periódicos: a primeira zona, a mais produtiva, concentra o núcleo de artigos devotados ao tema, concentrando um terço de títulos de periódicos. Na segunda zona, outro terço, há uma certa heterogeneidade em relação aos assuntos, apresentando média produtividade. Na terceira zona, último terço, há uma grande dispersão de artigos e de títulos de periódicos com baixa produtividade. A autora explica que pesquisadores apontam para a “existência de ambiguidade, de disparidade, de incoerência entre a formulação teórica e a aplicação prática da lei de Bradford.” (PINHEIRO, 1983, p. 62). Apesar das críticas, muito ainda se discute sobre sua aplicação, revisão e desenvolvimento (CUNHA; CAVALCANTI, 2008; DITMAS, 1948).



e) estudo de disponibilidade de documentos: de acordo com Figueiredo (1993, p. 92-93), esse tipo de estudo “tem como objetivo avaliar a capacidade da biblioteca em prover aos usuários os documentos que necessitam, no momento que deles necessitam.” Desse modo, é preciso compilar uma lista a partir de citações de documentos do acervo de uma biblioteca congênere por meio de amostragens que simulem o número de consultas pelos usuários em um dia da biblioteca a ser testada. Então, com a lista pronta, o bibliotecário terá que consultar o catálogo para verificar se o item existe na biblioteca, computando o total de itens encontrados a partir da lista. Depois, sabendo quais são os itens que a biblioteca possui, o próximo passo será verificar se o(s) item(ns) está(ão) disponível(is) para consulta imediata. Estudos na área, medir o tempo que se leva para localizar cada item na biblioteca por meio de uma escala de um a cinco pontos, de forma a avaliar o que se denomina de “rapidez média.” Nesse caso, o número 1 “significa que todos os itens do teste estão nas estantes da biblioteca testada, e 5 significa que a biblioteca não possui nenhum dos itens do teste.”(FIGUEIREDO, 1993, p. 93). Apesar de sua complexidade, sobretudo, para compilar a lista, o método é útil para percebermos que, no passado, havia uma preocupação dos profissionais e pesquisadores em desenvolver métodos dedicados à avaliação de coleções. Na atualidade, a literatura carece de estudos sobre métodos de avaliação para coleções no contexto atual. Por isso, é importante conhecer mais profundamente esse assunto, estudando o que já existe. Consulte, então, o artigo de Orr *et al.* (1968) para conhecer mais sobre esse método tão interessante.

Essa proposta foi desenvolvida há mais de 40 anos, logo, adaptações e ajustes serão necessários, sobretudo, para itens digitais. Mas o estudo de disponibilidade ainda é bastante útil para avaliarmos a capacidade de fornecimento de documentos da biblioteca e, sobretudo, a organização dos documentos (sejam impressos ou digitais) e os serviços necessários para manter essa organização (circulação e empréstimos de itens, bem como a sua guarda e manutenção).

Com o resultado da aplicação da escala exponencial, obteremos um “código de rapidez” para cada título da lista. Depois teremos que calcular a média e, a partir desse novo resultado, o índice de capacidade para a biblioteca. Esse índice deve ser correlacionado à uma escala de 100, sendo 100 todos os itens fornecidos em menos de 10 minutos.

Aqui, teremos pelo menos umas três dificuldades: uma para compilar a lista, a segunda para definir a amostragem e a terceira para efetuar os cálculos para chegar ao índice de capacidade de a biblioteca fornecer um documento. A lista deve ser compilada por meio das citações, dentre fontes de informação que incluem documentos diversos. Para expressar uma situação real de necessidade de informação, será necessário consultar fontes de informação que estejam relacionadas com a(s) área(s) coberta(s) pela biblioteca ou consultar documentos que sejam referências na área, a fim de usar as referências citadas nesses documentos na compilação da lista. Normalmente, a amostragem envolve de 300 a 400 referências, simulando a média de consulta em um

dia em uma biblioteca de médio porte. Para calcular o índice de capacidade, é preciso ter domínio da estatística descritiva, pelo menos. Figueiredo (1993) aprofunda outros estudos de disponibilidade em seu livro *Desenvolvimento e avaliação de coleções*, cuja leitura é indispensável.

5.5 POLÍTICA PARA AVALIAÇÃO DE COLEÇÕES

Desde o início deste livro que estamos defendendo que cada processo requer uma política própria, a fim de orientar as ações de um fazer. Também foi demonstrado que toda política é constituída de elementos próprios. Para que seja viável elaborar uma política para orientar o processo de avaliação, teremos que definir pelo menos três elementos:

- identificação dos responsáveis;
- descrição das rotinas;
- métodos ou técnicas a serem empregados.

Sobre os elementos:

- identificação dos responsáveis: é preciso definir quem será o responsável pelo processo de avaliação de coleções, pois, dificilmente, teremos grandes equipes na biblioteca em função de restrições econômicas e de recursos humanos. Muitas vezes, o bibliotecário que desenvolve coleções é o mesmo que faz a sua avaliação. Em certo sentido, isso é ruim, pois é muito difícil separar um momento do outro, isto é, o momento do fazer as tarefas cotidianas e o momento de avaliar como essas tarefas estão sendo executadas, correlacionando-as com os objetivos institucionais, etc. Não é impossível! Mas requer maior vigilância e rigor, pois, em outras palavras, estaremos avaliando o que nós mesmos realizamos. De qualquer forma, é preciso que o avaliador de coleções seja designado de forma que suas responsabilidades sejam realizadas;
- descrição das rotinas: a descrição da rotina do processo de avaliação, incluindo a descrição de cada atividade sob a responsabilidade do bibliotecário, é o segundo elemento da política. A objetivação das tarefas realizadas na avaliação de coleções vai contribuir fortemente para a sua institucionalização na biblioteca. Quanto mais soubermos o que devemos fazer para desenvolvermos uma atividade, mais fácil ela se tornará e avançaremos no aprofundamento de cada processo, trazendo cada vez mais benefícios para a biblioteca e para a comunidade a ser atendida. Logo, nesse item devemos detalhar o planejamento e execução das avaliações, incluindo em quais períodos devem ser feitas, quais coleções devem ser avaliadas e a descrição dos procedimentos de avaliação;

- métodos e técnicas de avaliação de coleções: neste elemento é preciso descrever as principais abordagens adotadas (qualitativas ou quantitativas), bem como os métodos e técnicas de avaliação de coleções que serão adotados no processo. Normalmente, aqueles que lidam com a avaliação possuem habilidades ou se identificam mais com certos métodos e técnicas em detrimento de outros. Isso pode trazer alguma dificuldade, pois, dependendo do problema que se quer identificar ou avaliar, será necessário um tipo de método ou técnica específico, independente da habilidade ou familiaridade do avaliador. Por isso, a avaliação de coleções é, de fato, um processo muito complexo! Requer, conforme vimos no início dessa aula, um especialista!

Figura 50 – A avaliação de coleções é um processo complexo e que, muitas vezes, será realizado por um bibliotecário que já tem outra função, como, por exemplo, desenvolver coleções. Por isso, o planejamento e a execução das rotinas devem ser realizados com muita habilidade



Fonte: Flickr (2010).⁴¹

Além desses três elementos, será necessário ainda descrever como os dados serão organizados para possibilitar as análises a curto, médio e longo prazos. E, como esses dados estarão disponíveis ao longo do tempo: em relatórios mensais, trimestrais, semestrais, anuais, ou em séries históricas, etc. É preciso prever como os dados serão divulgados e disponibilizados, de forma a orientar as mudanças que se fizerem necessárias em todo o processo de desenvolvimento de coleções.

Evans (2000) recomenda outro recurso para realizar a avaliação de coleções: no lugar de uma política, elaborar um programa específico para avaliar coleções. Logo, a cada tipo de avaliação, seria elaborado um tipo de programa. Por exemplo: programa de avaliação de coleções por meio de estudos de uso interno. Trata-se de um recurso bastante interessante, embora seja centrado no momento da avaliação. A definição de uma política para o processo de avaliação de coleções traz maior abrangência e poderá orientar cada tipo de avaliação que se fizer necessária. Porém, sem dúvida, é um recurso bem mais complexo.

⁴¹ Autor: Ryan Ritchie. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ryantron/4453018910>.



5.5.1 Atividade

Avaliando o jardim da nossa casa

O periódico norte-americano *Foreign Affairs* publicou uma lista de 62 obras consideradas por sua editora as mais influentes do mundo. A lista foi elaborada por professores em 1997 e está dividida por grandes tópicos. Elencaremos somente os títulos dos tópicos “Política” e “Economia, Assuntos Sociais e Meio Ambiente” para simplificar o exercício.

Escolha uma biblioteca universitária que ofereça o curso de bacharelado em Economia de uma universidade pública com pelo menos 30 anos de existência e verifique no catálogo público *on-line* dessa universidade quais livros a biblioteca possui da lista elencada na figura 51, a seguir. Em seguida, faça a mesma pesquisa em outra universidade do mesmo porte.

Figura 51 – Obras mais influentes do mundo



POLÍTICA

- 1984 – George Orwell
- **Capitalismo, socialismo e democracia** – J. A. Schumpeter
- **A Segunda Guerra Mundial** – Winston Churchill
- **Moral Man and Inmoral Society** – Reinhold Niebuhr
- **Ordem política nas sociedades em mudança** – Samuel Huntington
- **O mundo restaurado** – Henry Kissinger



ECONOMIA, ASSUNTOS SOCIAIS E MEIO AMBIENTE

- **Teoria geral do emprego** – J. M. Keynes
- **Plano Beveridge** – William Beveridge
- **O caminho da servidão** – Friedrich Hayek
- **Introdução à análise econômica** – P. Samuelson
- **Primavera silenciosa** – Rachel Carson

Fonte: Produção da própria autora a partir *Wikimedia Commons* (2010).⁴²

Agora que você já fez suas pesquisas, procure responder às questões que se seguem:

a) Quantos livros dos dois tópicos você localizou na primeira universidade?

b) Quantos livros dos dois tópicos você localizou na segunda pesquisa?

c) Você acha que a quantidade encontrada em cada uma é uma boa média? Por quê?

⁴² Primeira imagem: **Política**. Autor: *Engelbert Reineke*. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:N_icon_politics.png; Segunda imagem: **Economia**. Autor: *Antonu*. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Business_and_Economics_Barnstar_Hires.png.

d) Você acha que esse é um bom método para avaliar essas coleções?

e) Se você respondeu sim à questão anterior, explique o porquê. E se respondeu não, que outro método você sugeriria para esta avaliação?

Resposta comentada

E então? Verificou? Quantos foram os livros localizados? Foram em número maior ou menor que a metade? Sendo maior que a metade, é uma boa média? Não sabe? Por isso, orientamos que escolhesse outra biblioteca universitária do mesmo porte, para que pudesse comparar os percentuais encontrados.

Comparou? O percentual aumentou ou diminuiu em relação à primeira biblioteca avaliada? Mas... será que esse resultado é expressivo para avaliarmos a coleção? Não seria melhor em vez de verificar quanto livros existem, verificar quais realmente possuem relevância para a biblioteca e sua comunidade? Por exemplo: será mais difícil encontrar o livro de *Henry Kissinger* ou o de *Reinhold Niebuhr* em bibliotecas brasileiras por serem autores que tratam de temas muito mais específicos que outros clássicos, como *Keynes* ou *Samuelson*, autores que fazem parte de algumas bibliografias básicas de cursos de Economia pelo país. Lembre-se do que Figueiredo (1993) disse: as listas não avaliam a qualidade de uma coleção, justamente porque desconsideram os critérios que foram importantes para a seleção de cada item, ignorando as coleções existentes e a comunidade com suas necessidades e interesses. É preciso verificar os propósitos da avaliação para que tenha o efeito esperado. Ou usar a verificação de listas conjugada com outro método. Por exemplo, nesse caso, seria interessante verificar as estatísticas de uso dos livros localizados na biblioteca e compará-los com os itens de alta demanda ou ouvirmos a opinião dos especialistas (método impressionista) para validar a lista.

RESUMO

Nesta unidade vimos que, para Lancaster (1996), toda e qualquer avaliação de coleções deve considerar o papel da biblioteca como interface entre os recursos de informação disponíveis no mundo e a comunidade a ser servida. A função da avaliação de coleções é, pois, identificar as fortalezas e fraquezas das coleções e, com isso, ajustar a política de desenvolvimento de coleções e as correlatas com a finalidade de aumentar a qualidade do desempenho da biblioteca. Depois, será necessário definir

se o que desejamos avaliar se refere aos insumos, produtos ou resultados, uma vez que cada abordagem requer métodos e técnicas apropriados. Os métodos e técnicas de coleta de dados mais comuns na avaliação de coleções podem ser agrupados, conforme sugere Lancaster (1996) – que os agrega sob as abordagens quantitativa ou qualitativa – ou conforme sugere a ALA (1989) – em metodologias centradas nas coleções ou centradas no uso.

Vimos também que a abordagem centrada nas coleções compreende quatro técnicas: verificação de listas, bibliografias e catálogos; opinião de especialistas; estatísticas de uso comparativo e padrões de coleções. A abordagem centrada no uso envolve: estudos de circulação; opinião dos usuários; análise das estatísticas de empréstimo entre bibliotecas; estudos de citação e estudos de disponibilidade dos documentos, entre outros. Por fim, para viabilizar o processo de avaliação de coleções na biblioteca, será necessário elaborar uma política ou um programa definindo no mínimo três elementos: identificação dos responsáveis; descrição das rotinas e métodos ou técnicas a serem empregados.



Sugestão de Leitura

FIGUEIREDO, Nice Menezes. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

LANCASTER, F. W. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Brasília: Brique de Lemos/Livros, 1996.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Guide to The Evaluation of Library collections**. Chicago: ALA, 1989.

CUNHA, M. B.;CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Brique de Lemos/Livros, 2008. 451 p.

DITMAS, E. M. R. Dr.S.C. Bradford. **Journal of Documentation**, [S.l.] v. 4, n. 3, p. 169-174, 1948. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/eb026130>. Acesso em: 27 mar. 2015.

EVANS, G. E. **Developing Library and Information Center Collection**. 4. ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.



FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Biblioteconomia e bibliometria. *In*: FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Tópicos modernos em biblioteconomia**. Brasília: ABDF, 1977. p.17-25.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

LANCASTER, F. W. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

O QUE É O PROGRAMA de Comutação Bibliográfica – Comut. Biblioquímica, [S.l.], 2011. Disponível em: <https://bibliotecaquimicaufmg2010.wordpress.com/2011/09/16/o-que-e-o-programa-de-comutacao-bibliografica-comut/>. Acesso em: 27 mar. 2015.

ORR, Richard H. *et al.* Development of Methodologic Tools for Planning and Managing Library Services: II Measuring a Library's Capability for Providing Documents. **Bulletin of the Medical Library Association**, [S.l.], v. 56, n. 251, July 1968.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Lei de Bradford: uma reformulação conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1983.

WHITE, Howard D. **Brief Tests of Collection Strength: a Methodology for All Types of Libraries**. Westpoint: Greenwood Press, 1995.